

## PERSPETIVAS SOBRE OS CAMINHOS DO (IN)SUCESSO ESCOLAR PERSPECTIVES ON THE PATHS OF SCHOOL (IN)SUCCESS

**Sílvia OLIVEIRA**

Faculdade de Letras, Universidade do Porto  
[up201306494@letras.up.pt](mailto:up201306494@letras.up.pt)

**Diogo PINTO**

Faculdade de Letras, Universidade do Porto, CEGOT  
[dspinto@letras.up.pt](mailto:dspinto@letras.up.pt)

**Helena PINA**

Faculdade e Letras, Universidade do Porto, CEGOT  
[mpina@letras.up.pt](mailto:mpina@letras.up.pt)

### Resumo

A educação do século XXI enfrenta inúmeros desafios, sendo um deles o Insucesso Escolar. Parece ser um conceito simples, mas, na verdade, existem diversas definições. O (In)Sucesso dos estudantes é avaliado, sobretudo, de forma quantitativa. Todavia, será justo analisarmos as capacidades dos estudantes através de testes/exames, que até podem “ter corrido mal naquele momento”, por circunstâncias alheias a aspetos cognitivos?

O Insucesso Escolar é, de facto, um desafio para o qual dificilmente encontrarão soluções aplicáveis a todas as escolas, pois estas diretrizes não contemplam a diversidade de estilos de aprendizagem, as diferentes motivações, as características socioeconómicas e culturais dos alunos, ou até mesmo as emoções dos estudantes. Nesta conjuntura, acrescenta-se ainda a comunidade científica, as instituições de ensino e os respetivos agentes educativos, bem como o sistema político. São, efetivamente, estes os atores que discutem e promovem a resolução deste problema.

Em pleno século XXI, perante a multiplicidade de recursos disponíveis, designadamente os tecnológicos, a Taxa de Insucesso Escolar, embora em declínio, continua a ser elevada. De facto, a Taxa de Insucesso Escolar em Portugal tem vindo a baixar desde os anos 80 do século passado, mas continua excessiva, razão pela qual é importante que a problemática seja bem analisada. A título de exemplo, temos um insucesso demasiado elevado quando confrontamos a situação portuguesa com a observada nos países nórdicos. Esta situação levou-nos a refletir sobre os fatores que condicionam o (In)Sucesso escolar e os agentes interventores, questionando-nos se será prevalente uma eventual débil preparação científica e pedagógica dos docentes, ou, pelo contrário, se sobressai o estatuto socioeconómico e cultural dos alunos. Por outro lado, predominarão as interferências associadas ao perfil dos alunos e dos seus progenitores? Há, pois, que aquilatar a responsabilidade do Insucesso Escolar abordando os distintos interventores, já que, inquestionavelmente, há uma desconexão entre todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Para tentar abordar estas questões, optamos por uma metodologia de trabalho que se baseou na aplicação de um Inquérito por questionário com o objetivo de compreendermos as diferentes variáveis que se encontram na base do insucesso escolar, continuado por um segundo Inquérito através do qual interrogamos os alunos sobre o seu Projeto de Vida, mas conectando estes resultados escolares com os obtidos ao longo do ano letivo em questão.

**Palavras-chave:** (In)Sucesso Escolar; Estatuto Socioeconómico; Inteligência Emocional; Família; Projeto de Vida.

### Abstract

Education in the 21st century faces numerous challenges, one of which is School Failure. It seems like a simple concept, but there are actually several definitions. The (In)Success of students is evaluated, mainly, in a quantitative

way. However, is it fair to analyze students' abilities through tests/examinations, which may even "have gone wrong at that moment", due to circumstances beyond cognitive aspects?

School Failure is, in fact, a challenge for which they will hardly find solutions applicable to all schools, as these guidelines do not contemplate the diversity of learning styles, the different motivations, socioeconomic and cultural characteristics of students, or even the emotions of students. At this juncture, the scientific community, educational institutions and their educational agents, as well as the political system, are also added. These are, in fact, the agents who discuss and promote the resolution of this problem.

In the 21st century, given the multiplicity of available resources, namely technological ones, the School Failure Rate, although declining, remains high. In fact, the School Failure Rate in Portugal has been falling since the 80s of the last century, but it remains excessive, which is why it is important that the problem is well analyzed. For example, we have too much failure when we compare the Portuguese situation with that in the Nordic countries. This situation led us to reflect on the factors that condition (In) School Success and the intervening agents, questioning whether a possible weak scientific and pedagogical preparation of the teachers will be prevalent, or, on the contrary, if the socioeconomic and cultural status of the students stands out. On the other hand, will the interference associated with the profile of students and their parents predominate? It is therefore necessary to evaluate the responsibility of School Failure by addressing the different interveners, since, unquestionably, there is a disconnect between all agents involved in the teaching-learning process.

To try to address these issues, we opted for a work methodology that was based on the application of a questionnaire survey in order to understand the different variables that are at the base of school failure, continued by a second survey through which we questioned students about their Life Project, but connecting these school results with those obtained throughout the school year in question.

**Keywords:** School (In)Success; Socioeconomic Statute; Emotional Intelligence; Family; Life Project.

## 1. Introdução

Portugal, um país rico em cultura, recheado de tradições e uma história secular, enfrenta na atualidade inúmeros desafios para os quais urge encontrar soluções. Um destes desafios prende-se com a área do ensino, que sofreu e continua a sofrer múltiplas transformações.

Numa breve introdução histórica, há que referir que, numa fase inicial (Idade Média), segundo Rosa (2013), o ensino era exercido por padres, filósofos ou professores, de forma individual e elitista, ou seja, existia um ensino individualista, direcionado à classe nobiliárquica e ao clero. Tal significa, que na Idade Média, o ensino era muito direcionado, já que enquanto um aluno ouvia e realizava as atividades que lhe eram propostas, os restantes que se encontravam na sala de aula não efetuavam nenhuma tarefa que lhes permitisse estar ativos intelectualmente. Segundo esta ótica, seria necessário ter mais do que um professor em sala, ou seja, quase um docente por aluno (Rosa, 2013).

Já no século XVIII, uma outra forma utilizada na transmissão dos conhecimentos, tal como afirma Rosa (2013), era o Ensino Mútuo. Segundo esta prática, dentro de uma sala de aula, encontrávamos alunos dos mais variados níveis de ensino, sendo que os mais velhos e mais qualificados é que monitorizavam os trabalhos dos restantes estudantes. Esta prática, porém, revelou-se pouco eficaz,

apesar de perdurar até aos nossos dias<sup>1</sup>, sobretudo nas áreas mais despovoadas, e com um corpo estudantil exíguo, ao ponto de não se justificar, financeiramente, a colocação de um docente.

Na atualidade predomina o Ensino Coletivo, um modelo em que o docente encarregue por uma determinada disciplina, encontra-se numa sala de aula a lecionar os conteúdos para um conjunto de estudantes em simultâneo (Rosa, 2013). Nesta situação, não encontramos discentes de vários níveis de ensino, mas sim estudantes com uma idade consideravelmente homogénea, apesar de existir sempre um ou outro aluno com uma idade inferior ou superior à dos colegas.

Entretanto, surgiram alterações intercalares. Com efeito, na sequência da adesão à União Europeia, introduziram-se no país algumas mudanças a nível político, económico, social, cultural e ambiental, que proporcionaram o aumento da instrução e da qualificação da população ativa. Aliás, o ano de 1986 também foi marcado pela aprovação da “Lei de Bases do Sistema Educativo” (LBSE), fundada sobre dois grandes alicerces: a democratização do ensino e a igualdade de oportunidades. Tinha como principal objetivo a “construção de uma base de conhecimento sólido e o desenvolvimento das aquisições básicas em toda a população portuguesa.” (Rosa, 2013, 10).

É verdade que houve uma evolução positiva no modelo de ensino, mas o que predomina atualmente está longe de ser perfeito, já que existem vários dilemas associados ao modelo vigente, nomeadamente o Insucesso Escolar. Este é medido pelos resultados que os estudantes obtêm nas provas, pelo que, uma classificação negativa num dado momento de avaliação pode perfeitamente ditar a nota do final do período, indiciando uma futura retenção. Não obstante, existem outras abordagens (Mendonça, 2011). Na realidade, ao contrário do expectável, o insucesso não evoluiu positivamente, ao ritmo previsto nas últimas décadas. Efetivamente, após múltiplas transformações, inúmeras regras implementadas que instituíram a escolaridade obrigatória, acompanhadas ainda por investimentos incisivos concretizados no campo da educação e na formação de docentes mais qualificados para o cargo, Portugal continua com mais de 50 mil jovens em retenção na escolaridade obrigatória, segundo o relatório “Estado da Educação 2020” do Conselho Nacional de Educação.

Para conseguirmos corrigir este cenário, torna-se crucial compreender os fatores que condicionam o (In)Sucesso Escolar. Sendo diversos, surgem várias questões: a quem se deve imputar as responsabilidades? Exclusivamente aos alunos, ou o enfoque deve ser colocado nos professores? Refletirá sobretudo o ambiente familiar, ou prevalecerá a conjugação de todos estes atores? Por outro lado, correspondendo a escola e a família aos principais suportes da educação e da formação dos jovens, é imprescindível compreender a relação existente entre estas entidades e a sua influência sobre o (in)sucesso escolar.

Por seu turno, é inquestionável também que o contexto socioeconómico de cada família merece especial atenção, na medida em que pode constituir um forte impulso para que os jovens e os

---

<sup>1</sup> Nas últimas duas décadas, em muitos locais do interior, já foram encerradas as escolas primárias e o ensino concentrado em Centros Escolares, com melhores condições de infraestrutura e ensino, enquanto terminava gradualmente a prática do ensino mútuo.

adolescentes sejam bem-sucedidos, ou, pelo contrário, fundamente o seu fracasso académico. A questão basilar é a seguinte: se alguns estudantes têm sempre sucesso, por que motivo outros não o conseguem alcançar? A verdade é que o (In)Sucesso Escolar, assim como os motivos que o fundamentam, deixou de ter uma explicação linear (Oliveira, 2019). Desta forma, foram elaborados dois inquéritos por questionário, um primeiro sobre as características socioeconómicas dos alunos, com o objetivo de compreender as diferentes variáveis que se encontram na base do Insucesso, nomeadamente sociais, económicas, culturais e as decorrentes do seio familiar, e um segundo sobre os projetos de vida, onde se pretendeu descobrir se os discentes possuíam uma noção básica sobre este conceito, assim como perceber se detinham ou não um projeto de vida

Por esta razão, na segunda avaliação, com o segundo questionário, valorizamos o aluno como um indivíduo, um Ser Humano, que tem os seus próprios problemas psicológicos e emocionais, e não apenas um “número” que aparece na folha de cálculo, através da qual será classificado. Daí a crescente importância da aplicação de uma Educação Emocional nas escolas, isto é, tal como o nome indica, o estudo e valorização das emoções em todo este contexto. “A educação das emoções constitui um processo complexo de construção permanente, originado no seio familiar, passando pela escola e continuando por toda a vida” (Hilário, 2012, 3). É, pois, crucial que os adolescentes saibam que é normal expressarem as suas emoções, assim como é fundamental que as saibam exprimir no devido momento e que estejam habituados a fazê-lo. Deste modo, a família e a escola possuem um papel imperativo no que concerne à educação das emoções, uma vez que constituem dois dos grandes pilares na vida de qualquer jovem. Por outro lado, prevalece a necessidade de estruturar e implementar um “Projeto de Vida”, pela necessidade de os jovens e os adolescentes terem objetivos orientadores, para que sejam bem-sucedidos nos seus propósitos e, neste caso específico, nos seus estudos (Moran, s/d).

A fim de conseguirmos combater o Insucesso Escolar é decisivo que não existam tabus nem estereótipos, mas sim pessoas mais compreensivas, tolerantes e com uma “mente aberta”, deixando de observar o aluno como sendo o problema nesta grande equação cheia de incógnitas, mas sim como uma das soluções.

## **2. (In)Sucesso Escolar**

Ao longo da história do nosso país ocorreram múltiplos acontecimentos, embora com realce para a queda da monarquia em 1910 e a implementação da primeira república, ou ainda o surgimento do Estado Novo e a revolução de 25 de abril de 1974, com a instauração da democracia. Nesta sequência, as alterações sucederam-se, como é visível na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Acresce a adesão de Portugal à então CEE (atual União Europeia) no ano de 1986, entre muitos outros acontecimentos com enormes repercussões na história do nosso país, nomeadamente na área da educação. Com efeito, como referem Almeida e Vieira (2006), citados por Moreira (2016,19), “de entre os

vários domínios da ação do Estado em Portugal, a educação é seguramente um daqueles em que mais intenções de reforma se sucedem no tempo de forma vertiginosa, sem muitas vezes uma correspondente concretização na prática.”

Apesar da evolução positiva, o sistema de ensino português enfrenta alguns obstáculos que alicerçam o Insucesso Escolar, um problema ao qual a sociedade, mas, sobretudo, a comunidade escolar, não pode ficar indiferente. Aliás, era incisivo nos estabelecimentos de ensino, sobretudo no século XX, apesar da obrigatoriedade do sistema educativo implementado no nosso país desde 1986, na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo. Instituíam-se que “todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República Portuguesa” (Decreto-lei nº 46/86, de 14 de outubro). Desde então, predomina um ensino de massas, que denuncia inúmeras dificuldades que antes eram camufladas, ignoradas.

Neste contexto, há que definir o Insucesso Escolar. Trata-se, porém, de uma tarefa muito complexa, dada a existência de um leque muito diversificado de definições. Por exemplo, segundo H. Martins, o Insucesso Escolar consiste num “termo que é utilizado no sistema educativo para caracterizar o fraco rendimento escolar. Assim, o Insucesso Escolar é a grande dificuldade que uma criança pode ter ao acompanhar a formação escolar e atingir objetivos propostos no tempo previsto de acordo com a sua idade” (Martins, 2017, 4). Tal significa que, segundo esta autora, os resultados obtidos pelas crianças e pelos jovens durante o processo de instrução, vão ditar se estes são bem-sucedidos academicamente ou não. Pelas palavras de A. Severino “O (In)Sucesso Escolar é um fenómeno complexo que afeta todos os sistemas educativos e coloca desafios a todas as sociedades, sobretudo, na atualidade, em que a aprendizagem e o conhecimento constituem a base de todo o desenvolvimento pessoal, social e económico” (Severino, 2019, 13). Esta autora, tal como H. Martins tinha referido, acredita que o Insucesso Escolar “diz respeito sobretudo a baixas qualificações escolares, retenções e abandonos” (Severino, 2019, 13), acrescentando que o “Insucesso Escolar também abarca outros aspetos relacionados com a transição e adaptação ao ensino superior, bem como variáveis relacionais e psicológicas” (Martins, 2017, 14). Deste modo, simbolicamente, associamos o Insucesso Escolar à ausência de bases e de competências adquiridas pelos alunos. No entanto, e tal como Severino refere, o Insucesso Escolar é um processo muito mais complexo, sendo necessário analisar criticamente não só os resultados obtidos no momento da avaliação, mas também o meio envolvente do jovem, os seus objetivos e as suas características.

Sendo o Insucesso Escolar uma problemática que pontua em quase todas as escolas portuguesas, torna-se, pois, imperativo compreender as causas deste fenómeno, assim como encontrar possíveis soluções que o permitam minorar.

Iniciemos por compreender que o Insucesso Escolar não depende apenas de um fator, mas de um conjunto e que, cada um, isoladamente, não justificaria o fracasso do aluno. Consequentemente, há que os analisar na sua globalidade, correlacionando-os. O importante, de facto, é compreendermos que, independentemente do motivo do Insucesso Escolar, “as crianças não estão destinadas a ser más ou

boas alunas, tudo depende do funcionamento da escola, da sua interação com o meio social e as características da própria criança” (Martins, 2006, 30). Em síntese, quando analisamos as causas que conduzem ao Insucesso Escolar, devemos ter em atenção três realidades: a instituição escolar, o aluno e o meio social em que este se insere, sendo, desta forma, tal como Severino (2019) refere, multifacetadas.

Por exemplo, a nível pessoal, podemos começar por enumerar a falta de interesse, de empenho e de motivação do aluno, comportamento que reflete um débil quadro no âmbito pessoal, ou seja, causas pessoais que conduzem ao Insucesso Escolar dos jovens. Contudo, tal como Martins afirma (2017), o principal motivo, pode estar associado a uma disfunção motora, cognitiva e/ou sensorial. A falta de atenção é também vista como um problema, uma vez que a criança possui dificuldades em captar as informações que estão a ser transmitidas pelo docente em contexto de sala de aula, pelo que se dispersa facilmente, pois tudo o que o rodeia é motivo de distração. “As crianças emocionalmente instáveis podem apresentar dificuldades de aprendizagem levando-as a obter resultados muito baixos” (Martins, 2017, 12), o que se reflete nos seus comportamentos e atitudes, prejudicando o seu potencial de aprendizagem. H. Martins (2017) concorda com o ponto de vista de C. Martins (2006) quando este afirma que “as suas características individuais e inerentes, nomeadamente a sua capacidade de assimilação, o seu grau de inteligência, o seu entusiasmo ou a sua empatia em relação aos colegas, professores ou aos materiais do ensino” (Martins, 2006, 32) são características que devemos ponderar quando discutimos as causas pessoais do Insucesso Escolar.

Por outro lado, é do conhecimento geral que as escolas têm um papel crucial no desenvolvimento cognitivo do Ser Humano, assim como na sua formação enquanto cidadãos. Neste contexto, a pergunta que se coloca é a seguinte: qual o papel da escola no Insucesso Escolar dos seus alunos? C. Martins afirma que, nestas circunstâncias, quando discutimos o papel da escola, é obrigatório ter em conta “o programa escolar, o currículo escolar, a metodologia de ensino, os materiais de ensino, o equipamento escolar, as modalidades gerais do sistema de avaliação, enfim, inclui-se toda a política traçada pelo ministério da educação e do governo.” (Martins, 2006, 32). Para além destes fatores, A. Severino acredita que “uma instituição de ensino tem que oferecer o melhor para os educandos a fim de torná-los futuros cidadãos críticos e autónomos que respeitem a diversidade e pluralidade cultural” (Severino, 2019, 23). Este ensino de qualidade reflete também, e muito, a qualificação dos professores, já que, o Insucesso Escolar nem sempre é causado pelo aluno, mas sim pelos docentes. Tal como H. Martins afirma “a má formação dos professores, as elevadas taxas de absentismo e o facto de o professor não respeitar o ritmo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, são fatores que provocam o Insucesso Escolar.” (Martins, 2017, 13).

No que concerne ao papel da família no percurso escolar dos seus educandos, começemos por referir a importância do nível financeiro do agregado familiar no rendimento escolar. De facto, as famílias possuem estilos de vida distintos, resultado de um nível financeiro também ele diferenciado. Na verdade, há famílias que possuem excelentes habitações, boa alimentação, bons cuidados de saúde e que podem pagar explicações ou a frequência de centros de estudo para os seus filhos, enquanto a maioria não tem

acesso a estes requisitos. Sabemos, efetivamente, que a falta de condições básicas (alimentação, saúde, luz, eletricidade, etc.) coloca em causa o rendimento escolar das crianças. Como H. Martins afirma, “o nível económico da família tem influência no rendimento escolar dos filhos, uma vez que uma criança que se encontre num meio familiar que não tem condições em casa, onde é mal alimentada e não tem cuidados de saúde, isto é, não tem acesso às condições básicas, acaba por não conseguir ter o mesmo rendimento escolar que as outras crianças.” (Martins, 2017, 13). Por fim, há que realçar também que, embora o quadro financeiro seja crucial, não é o único fator decisivo, já que é imperativo que no seio familiar haja também um ambiente harmonioso, uma atmosfera afetiva em que a criança se sinta desejada, onde predomine a comunicação e, sobretudo, muito amor. Desta forma, as crianças desenvolverão a sua autoestima, fulcral para superarem as suas dificuldades, obterem um bom rendimento escolar e combaterem o Insucesso Escolar.

### 3. Inteligência Emocional

O outro aspeto a ter em conta é a Inteligência Emocional. Na realidade, o choro e o sorriso são duas formas de transmitirmos aquilo que sentimos em determinados momentos das nossas vidas. Por exemplo, nos primeiros segundos de vida de cada indivíduo, o choro torna-se na principal forma de comunicação. Desta forma, as emoções, para além de constituírem uma forma de comunicação, são também um meio de transmitirmos tudo aquilo que sentimos, consciente ou inconscientemente. A partir do momento que um indivíduo se emociona, tem tendência a manifestar um comportamento que evidencia essa emoção, visível nas expressões faciais, nos movimentos corporais, nos risos e sorrisos, ou ainda no uso de timbres de voz díspares.

As emoções apresentam-se, também, como um conceito difícil de se explicar, pelo que, apesar de detetarmos alguns aspetos comuns, surgem múltiplas teorias que as tentam explicar, não existindo unanimidade. Segundo A. Hilário (2012, 5) as “emoções são reações a acontecimentos, que surgem inesperadamente, e têm uma duração breve, estando por isso relacionadas com o presente.”. Por seu lado, para Goleman (1995, 34) “as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma imediata, para planeamentos instantâneos que visam lidar com a vida.”. Por seu turno, Woyciekoski e Hutz, afirmam que as emoções são uma “reação psicobiológica complexa, que [envolve] inteligência e motivação, impulso para ação, além de aspetos sociais e da personalidade, que acompanhados de mudanças fisiológicas, [expressam] um acontecimento significativo para o bem-estar subjetivo do sujeito no seu encontro com o ambiente.” (Woyciekoski e Hutz, 2009, 3). Podemos, assim, afirmar que, de uma forma resumida, as emoções são reações que o Ser Humano tem perante determinados acontecimentos.

Segundo vários autores, nomeadamente Damásio, A. (1998), Ekman, P. (1999) ou até Plutchik, R. (2001), citados por Silva (2010), as emoções podem ser divididas em dois ramos: as emoções primárias

e as emoções secundárias (Quadro I). Se as emoções primárias ou básicas, dizem respeito às emoções que o Ser Humano necessita para sobreviver, as secundárias, por seu lado, são bastante mais complexas, uma vez que resultam de um processo de aprendizagem, originado por acontecimentos que ocorrem ao longo da vida. Tal significa que as emoções primárias nascem com o Ser Humano, enquanto as secundárias se vão adquirindo e consolidando com o passar do tempo.

Quadro I - Exemplos de Emoções básicas e secundárias.

<b>EMOÇÕES PRIMÁRIAS</b>	<b>EMOÇÕES SECUNDÁRIAS</b>
Medo; Ira; Tristeza; Felicidade; Aversão; Surpresa.	Culpa; Orgulho; Inveja; Admiração; Gratidão; Vergonha.

Fonte: Elaborado com base em Silva, 2010.

Neste contexto, conseguirmos definir e compreender que o conceito de emoção é crucial para o estudo da Inteligência Emocional, uma vez que, “a inteligência emocional é a arte de usar de forma inteligente as emoções na vida diária.” (Seabra, 2013, 2). Conceito que se tem vindo a construir ao longo dos anos, o primeiro contributo foi dado por Thorndike que, na altura não a designava de “Inteligência Emocional”, mas sim de “Inteligência Social”, definindo-a como “a capacidade de compreender e dirigir homens e mulheres, rapazes e raparigas, por ações prudentes nas relações humanas” (Thorndike, 1920 citado por Marques, 2011, 30). Todavia, quando falamos deste conceito, é imperativo recordar Daniel Goleman, uma vez que foi o autor que mais contribuiu para a compreensão deste conceito. Para Goleman (1995), a Inteligência Emocional baseia-se num conjunto de habilidades ou de competências (autoconsciência, lidar com as emoções, motivar-se, reconhecer as emoções nos outros e lidar com relacionamentos) que são ensinadas ao indivíduo quando este é ainda criança. Estas cinco aptidões são encontradas em indivíduos considerados emocionalmente competentes, uma vez que é a Inteligência Emocional que delimita a nossa capacidade para as aprender. Estas encontram-se associadas às Inteligências Pessoais (Quadro II).

Quadro II - Inteligências Pessoais.

<b>INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL</b>	<b>INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL</b>
Autoconsciência; Lidar com as emoções; Automotivação.	Reconhecer as emoções nos outros; Lidar com relacionamentos.

Fonte: Elaborado com base em Marques, 2011.

“A inteligência interpessoal denota a capacidade de uma pessoa entender as intenções, motivações e desejos de outras pessoas e, em consequência, trabalhar eficazmente com os demais.”



(Santos, 2014, 97), enquanto a inteligência intrapessoal “consiste na capacidade de compreender-se a si mesmo para ter um modelo efetivo de trabalho para si mesmo, incluindo os seus próprios desejos, medos e capacidades, e utilizar esta informação com eficácia na regulação da sua vida” (Gardner, 1999, citado por Santos, 2014, 97).

Estas vertentes são fulcrais, dado que para a carreira docente, assim como em muitas outras profissões, exige-se, de facto, um relacionamento interpessoal, isto é, o contato com outras pessoas, já que ser professor(a), nos dias de hoje, ultrapassa a mera transmissão de conhecimentos, pois baseia-se também no relacionamento ‘emocional’ com os seus alunos. Tal como salienta Nunes-Valente e Monteiro (2016) citados por Medeiros e Moura “a Inteligência Emocional revela-se primordial na atividade dos professores, pois pode promover melhores resultados, aumentar a capacidade para lidar com as tensões vivenciadas na escola, assim como melhorar as competências de relacionamento interpessoal.” (Medeiros e Moura, s/d, 3). Aliás, diversos estudos comprovam que a Inteligência Emocional se encontra intimamente relacionada com o (In)Sucesso Escolar dos jovens. Sintetizando, os alunos que possuem uma Inteligência Emocional elevada tendem a ser bem-sucedidos em termos académicos, alcançando o sucesso escolar com notoriedade, enquanto os discentes que possuem uma Inteligência Emocional inferior, tendem a não ser bem-sucedidos em termos escolares.

Em suma, para que os jovens alcancem o êxito escolar, é imperativo que os professores ajudem os seus alunos a desenvolverem-se emocionalmente e a lidar com as suas emoções, uma vez que bem geridas, contribuem também para o Sucesso Escolar.

#### **4. Projeto de Vida**

Para se atingir o sucesso escolar, deve-se também destacar a existência de um Projeto de Vida, pois, embora perspetivar o futuro seja algo assustador, é necessário, já que é crucial ter objetivos de vida. Contudo, pensar nos nossos objetivos de vida não significa que tenhamos uma visão pormenorizada do nosso futuro, mas sim ponderar várias opções de vida, tendo sempre em mente o nosso bem-estar e a nossa felicidade. É então que surge o Projeto de Vida!

Ter um Projeto de Vida é, de facto, algo bastante importante, pois orienta-nos na projeção do nosso futuro, se bem que esteja intimamente relacionado com a nossa identidade. Tal como J. Ambrósio (2016, 68) afirma “o projeto de vida, pela dimensão constitutiva da própria vida, é determinante para o crescimento de cada ser humano, da sua identidade.”. Por norma, é no final da adolescência, ou seja, no fim do 3ºCiclo do Ensino Básico e início do Ensino Secundário, que se espera que os jovens comecem a refletir sobre o seu futuro, a delinear os seus objetivos. Trata-se de uma fase crucial, pois os jovens desprendem-se do irrealismo, transitando para um Projeto de Vida que se enquadre no mundo real, possível de se concretizar. Segundo a perspetiva de Moran, o Projeto de Vida tem de ser bem pensado e

criado, pois representa aquilo que o jovem será e aquilo que irá fazer em determinados momentos da sua vida.

“Projeto de Vida, num sentido amplo, é tornar conscientes e avaliar as nossas trilhas de aprendizagem, os nossos valores, competências e dificuldades e também os caminhos mais promissores para o desenvolvimento em todas as dimensões. É um exercício constante de tornar visível, na nossa linha do tempo, as nossas descobertas, valores, escolhas, perdas e também desafios futuros, aumentando a nossa percepção, aprendendo com os erros e projetando novos cenários de curto e médio prazo. É um roteiro aberto de autoaprendizagem, multidimensional, em contínua construção e revisão, que pode modificar-se, adaptar-se e transformar-se ao longo da nossa vida” (Moran, s/d, 1).

O Projeto de Vida pode sofrer alterações consoante os contextos em que os indivíduos se encontram, assim como o seu desenvolvimento pessoal, emocional e cognitivo. Desta forma, torna-se imperativo que os pais, os docentes ou mesmo os tutores que acompanham estes jovens diariamente, tenham em conta as diferentes etapas da vida, desde a infância, passando para a adolescência e a juventude, uma vez que cada uma delas ostenta características distintas.

Segundo Bastos (2014), existem, pelo menos, quatro fatores que influenciam a construção de um Projeto de Vida: a idade, o género, a família e a escola. Analise-se cada um deles:

**A) Idade:** À medida que vamos crescendo adquirimos mais informação que nos permitirá delinear os nossos objetivos com maior facilidade, compreender aquilo que nos motiva e, conseqüentemente, traçar o nosso futuro com mais eficácia e clareza.

**B) Género:** No que concerne ao género, por norma, as adolescentes do género feminino têm tendência a concetualizar “o seu futuro através de um conjunto de mudanças relacionais e profissionais mais ou menos imediatas” (Bastos, 2014, 37). Há que relembrar que as mudanças nas raparigas ocorrem mais cedo e num período de tempo mais curto, sendo que estas valorizam mais duas áreas específicas: a emocional e a profissional. Em contrapartida, nos rapazes, as mudanças dão-se mais tarde e num período de tempo mais extenso, sendo que estes valorizam sobretudo o campo profissional.

**C) Família:** Pelo que já foi dito anteriormente, sabemos que a família é um dos pilares fundamentais da vida de um jovem, correspondendo ao primeiro espaço de transmissão de regras, conhecimentos e valores, ou seja, o primeiro espaço de socialização. Tal como Ambrósio afirma, “(...) a família é fundamental na construção de um projeto de vida, pois é nela que se erguem os pilares principais: o da educação e o da socialização.” (Ambrósio, 2016, 71). Deste modo, é crucial que se consiga manter nas famílias um ambiente harmonioso e uma relação aberta, baseada no diálogo e na confiança. Só assim, os jovens conseguirão planear o seu futuro de forma responsável e autónoma, traçando um Projeto de Vida realista, ainda que seja diferente do caminho que os pais tinham imaginado.

**D) Escola:** Não podemos banalizar o contributo da escola para a construção do Projeto de Vida, uma vez que esta possui um papel crucial no processo de socialização dos jovens, assim como na sua formação como cidadãos ativos e na aquisição de valores. Apesar disso, hoje em dia, dada a existência

de inúmeras tecnologias e ferramentas de apoio psicológico e emocional, muitos jovens continuam sem saber como construir o seu Projeto de Vida. Mas, a verdade, é que existem inúmeros caminhos. Um dos modos mais simples e, ao mesmo tempo, mais eficaz, passa pela realização de ações pontuais, destinadas aos jovens (Figura 1), mas também aos docentes e aos pais, de modo a garantirem um melhor acompanhamento e uma ajuda mais eficiente dos seus alunos e filhos na construção de um Projeto de Vida sólido.

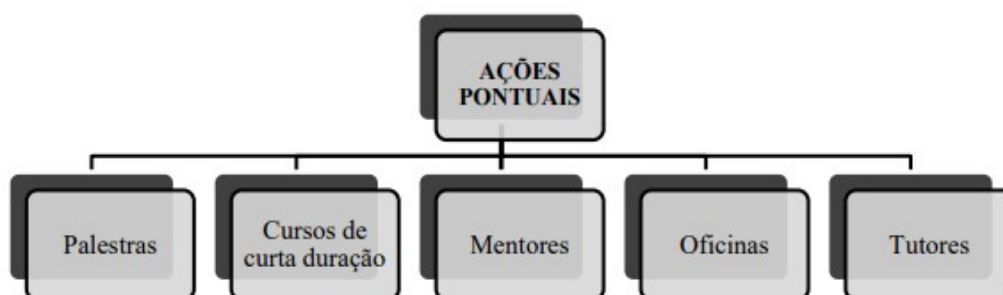


Figura 1 - Ações pontuais a realizar.

Fonte: Elaborado com base em Moran, s/d.

É importante salientar que estas ações pontuais são apenas uma ferramenta e que os jovens têm de aprender a trabalhar com elas, explorando-as. Tal significa que, apesar da sua importância, persistem a existir desafios à construção de um Projeto de Vida. Segundo Moran, o maior desafio consiste em como criar “uma visão integral, competências cognitivas e socioemocionais como pensamento crítico, criatividade, responsabilidade, colaboração, comunicação, autocontrole, a partir dos quatro pilares da Unesco – aprender a ser, fazer, a conhecer e a conviver – que podem agrupar-se em três dimensões” (Moran, s/d, 3) (Figura 2).

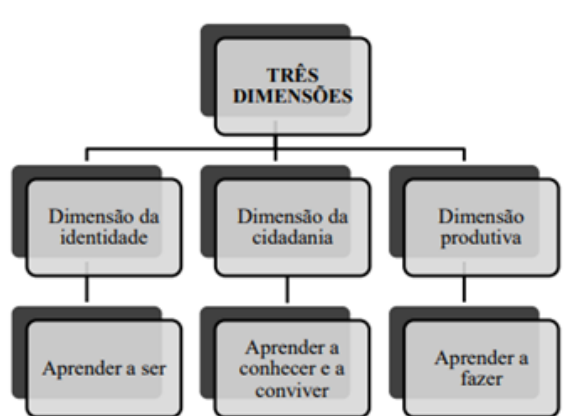


Figura 2 - Os quatro pilares da UNESCO e as respetivas dimensões.

Fonte - Elaborado com base em Moran, s/d.

Analisemos, então, cada uma dessas dimensões:

**A. Dimensão da identidade:** Esta dimensão está relacionada com o próprio indivíduo, ou seja, com o seu autodescobrimento. É importante que o indivíduo se aceite, se compreenda e conheça as suas competências, de forma a usá-las a seu favor, conseguindo, desta forma, alcançar o seu conforto e bem-estar.

**B. Dimensão da cidadania:** Esta dimensão explica-nos a importância em manter relações com os outros, podendo ser com os membros da própria família, da escola e/ou da comunidade em que se encontra inserido. No fundo, é uma dimensão que se encontra diretamente conectada com as relações interpessoais.

**C. Dimensão produtiva:** Dimensão que está intimamente ligada com as aptidões profissionais do indivíduo, de modo que, mais tarde, possa conseguir alcançar a sua realização profissional

Em jeito de conclusão, “definir um Projeto de Vida para uma criança ou adolescente implica planear o seu futuro, refletindo constantemente, efetuando um exercício mental de previsão, como forma de preparação para assumir autonomamente a direção do seu futuro e de criação de condições que promovam uma atitude e um comportamento pró-ativo face a esse tempo” (Bastos, 2014, 36). Foi neste contexto que inserimos estas componentes no segundo inquérito concretizado.

## 5. Análise dos resultados

Para a concretização deste capítulo recorreremos a uma mostra constituída por 408 alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico (3ºC.E.B.) e do Ensino Secundário (Ens. Sec.), a frequentar um colégio localizado nos arredores de Lisboa. Deste universo, cerca de 158 frequentavam o 3ºCEB (38,73%) enquanto os restantes 250 alunos frequentavam o Ensino Secundário (61,27%).

Através do primeiro questionário procuramos compreender quais as condições socioeconómicas dos estudantes e de que forma é que estas poderiam influenciar no sucesso/insucesso escolar. Assim, foram colocadas questões alusivas às características do agregado familiar, às condições da habitação onde residem os estudantes e, por fim, os seus hábitos e interesses. Uma das questões colocadas, e que optamos por analisar, pois consideramos ser muito relevante, prende-se precisamente com a profissão dos pais, uma vez que tal vai ditar o rendimento do agregado familiar e terá, conseqüentemente, impactos nos resultados obtidos pelos discentes, tanto nos diferentes momentos de avaliação, como nos resultados finais.

Numa breve análise, constatou-se que as atividades profissionais predominantes dos pais dos alunos eram maioritariamente trabalhadores qualificados, por conta de outrem (72%), seguindo-se os trabalhadores não qualificados, por conta de outrem (14%) e os profissionais liberais (11%). Sem atividade profissional registam-se 3% (Tabela I). Optamos por esta divisão generalista, de forma a manter o anonimato dos respondentes, uma vez que poderia ser possível identificá-los com base nas

profissões do país. Sabemos pela análise dos dados que aqueles que exerciam as profissões mais qualificadas, eram na maioria, os que apresentavam melhores remunerações e, conseqüentemente, correspondiam às famílias com maiores expectativas no que diz respeito ao percurso escolar dos seus educandos. Este aspeto vai ser fulcral nas respostas ao segundo questionário.

Tabela I - Atividades Profissionais dos Pais (2021).

Atividades Profissionais dos Pais	
Trabalhadores Qualificados, por conta de outrem	72%
Trabalhadores Não Qualificados, por conta de outrem	14%
Profissões Liberais	11%
Sem atividade profissional	3%

Fonte: Recolha e Tratamento da informação Próprio (2021).

Na realidade, para compreendermos os reflexos da existência/falta de um Projeto de Vida<sup>2</sup> (segundo inquérito) no (In)Sucesso Escolar dos estudantes, aplicamos um pequeno inquérito composto, simplesmente, por duas questões, às várias turmas que constituem a amostra. A primeira pergunta consistia em saber se os discentes possuíam ou não um Projeto de Vida, seguindo-se o seu parecer face ao número total de negativas com que tinham terminado o primeiro período.

Após a análise das diversas respostas, pudemos concluir que, no 3º C.E.B., cerca de 33,3% dos discentes não pensara num Projeto de Vida (53 alunos), enquanto 66,7% dos estudantes o possuía (105 alunos). Por outro lado, analisando as respostas obtidas entre os alunos do Ensino Secundário, denotamos que sobressaía um maior número de discentes já com um Projeto de Vida, o que podemos explicar pelo simples facto de serem alunos que se encontravam na última fase do Ensino Regular, perspetivando o seu acesso à faculdade, pelo que tinham uma noção mais clara daquilo que pretendiam para o seu futuro. Na realidade, analisadas as respostas ao inquérito, verificamos que destes, apenas 19,1% (48 alunos) não possuíam um Projeto de Vida, enquanto os restantes 80,9% (202 alunos) já tinham uma ideia do que pretendiam fazer no futuro próximo (Figura 3).

Por seu turno, ao correlacionarmos as informações alusivas à existência/falta de um Projeto de Vida com as classificações obtidas no final do primeiro período (Figura 4), concluiu-se que, tanto no 3º Ciclo do Ensino Básico como no Ensino Secundário, o número de resultados negativos era superior entre os jovens que não possuíam um Projeto de Vida. De facto, se analisarmos as respostas dos discentes do 3º C.E.B., constatamos que 89% dos alunos (141 alunos), aqueles que não possuíam um Projeto de Vida tiveram, pelo menos, uma avaliação negativa de uma unidade curricular, enquanto entre os restantes, apenas 11% (17 alunos), apesar de já terem traçado alguns objetivos para o seu futuro, possuíam, pelo menos, uma negativa. No Ensino Secundário observamos um cenário bastante idêntico,

<sup>2</sup> Os alunos sabiam em que consistia o Projeto de Vida, uma vez que já tinha sido abordado e explicado nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento.

pois 87,5% dos alunos que não possuíam um Projeto de Vida (219 alunos), obtiveram, pelo menos, uma negativa, enquanto apenas 12,5% dos estudantes que tinham um Projeto de Vida (31 alunos), possuíam, pelo menos, uma negativa.

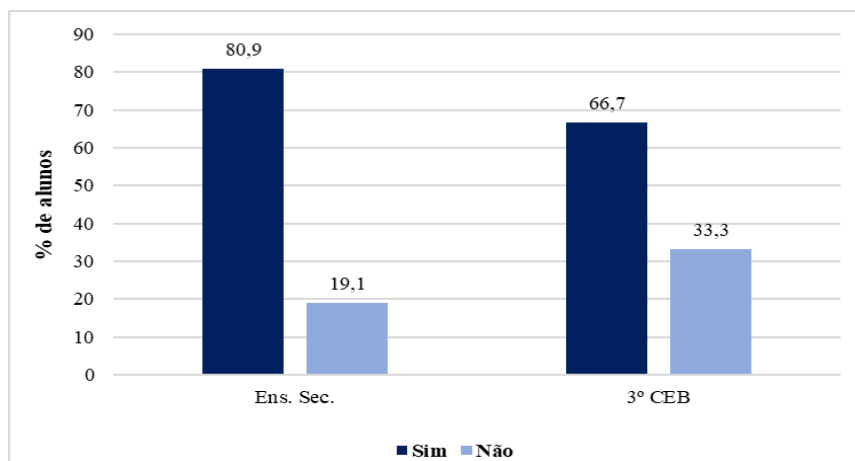


Figura 3 - Projetos de Vida.

Fonte - Recolha e tratamento próprio (2021).

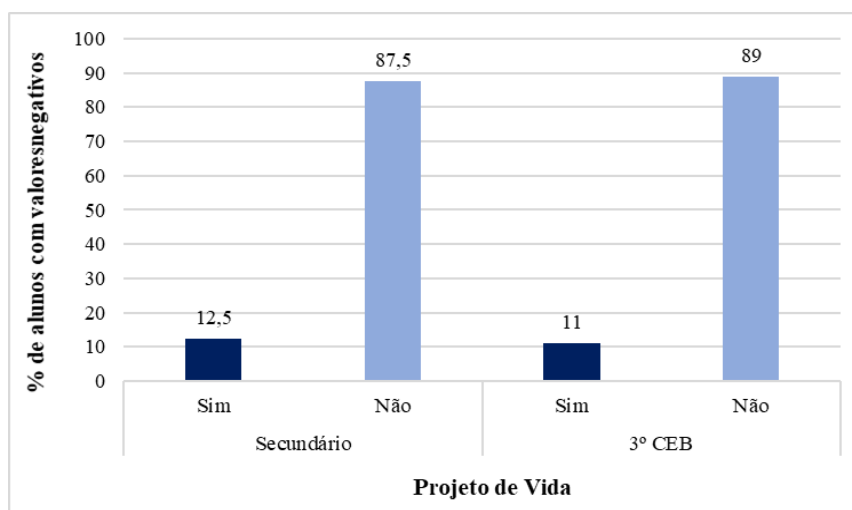


Figura 4 - Relação entre os Projetos de Vida e o número de negativas.

Fonte - Recolha e tratamento próprio (2021).

Em suma, com este estudo confirmou-se a importância de traçar um Projeto de Vida, uma vez que a falta de objetivos pode influenciar negativamente o percurso escolar de um jovem, traduzindo-se em algumas negativas e, conseqüentes reprovações, facto que o impedirá de ser bem-sucedido

academicamente. Em contrapartida, a partir do momento em que este possui metas, passa a ser um aluno mais focado e empenhado, o que irá contribuir e, talvez, até garantir o seu sucesso escolar.

Desta forma, uma vez mais, salientamos a importância em definir um Projeto de Vida em termos pessoais, mas também do ponto de vista académico, uma vez que contribui para a sua realização pessoal, assim como ajudará os alunos a alcançarem os seus objetivos escolares e, conseqüentemente, o sucesso escolar. Um aluno que tem traçado o seu Projeto de Vida, que possui objetivos e ambições, tem uma maior probabilidade em ser bem-sucedido na escola. Em contrapartida, um aluno que ainda não traçou o seu Projeto de Vida, que não tem objetivos delineados e tem poucas ou nenhuma ambições, é um aluno que se sente 'perdido', pelo que dificilmente será bem-sucedido em termos académicos.

Claro está que, tanto a família como a escola possuem papéis cruciais neste contexto, uma vez que são os dois principais meios de socialização dos indivíduos, de transmissão de conhecimentos e de valores fundamentais.

## 6. Considerações finais

O (In)Sucesso Escolar é conhecido como a carência/aquisição de determinadas competências conducentes à obtenção de um determinado nível de escolaridade. Assim, quando o aluno não alcança essas competências, falamos de Insucesso Escolar, mas quando as consegue alcançar falamos de Sucesso Escolar. Este é considerado um fenómeno multicausal e intemporal, apesar de os fundamentos variarem bastante com o passar dos anos. Um dos principais consiste nas transformações que vão ocorrendo na sociedade, quer no seio familiar (a família sofreu inúmeras alterações ao longo das últimas décadas que se refletem na estrutura, nos valores e crenças), mas também as associadas ao desenvolvimento das tecnologias (na sala de aula assistimos a uma luta constante entre o digital e o analógico, uma vez que as TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação - são cada vez mais valorizadas), ou ainda ao papel dos professores (cada vez mais complexo, uma vez que já não se limita à transmissão de conhecimentos, tendo de se adaptar às necessidades dos alunos), entre outras.

A família, porém, sendo o pilar fundamental na vida de um jovem, apresenta uma influência e responsabilidade acrescida no percurso académico, como sucede com um divórcio. Alteração visível, prolífica na sociedade atual, reflete-se na alteração da estrutura familiar. E se antes o divórcio era 'mal' visto pela comunidade, nos dias de hoje é algo banal, mas que deixa marcas profundas nos indivíduos. Estudos comprovam que os jovens que vivem com pais divorciados, ou que sofrem os reflexos de um divórcio recente, têm dificuldades em encontrar uma rotina, a viver o seu quotidiano com alguma normalidade, tendendo a isolar-se. Isto reflete-se no desempenho escolar, pois estes jovens têm tendência a obter resultados médios inferiores, ou mesmo negativos. Em contrapartida, os jovens cujo seio familiar permanece inalterado e com estabilidade emocional, obtêm resultados médios superiores e, apenas ocasionalmente, resultados negativos.

Tal como constatamos nesta investigação, o estatuto socioeconómico das famílias também interfere no desempenho escolar dos jovens, visto que as famílias de elevadas posses financeiras, conseguem satisfazer as necessidades dos seus filhos mais facilmente do que as famílias carenciadas. Neste cenário, as famílias mais abastadas são as que têm mais facilidade em disponibilizar os meios necessários (explicações e centros de estudo, por exemplo) para que os seus filhos alcancem o Sucesso Escolar. Em contrapartida, entre as famílias mais carenciadas que não possuem esta facilidade, caso os seus filhos demonstrem dificuldades no processo de aprendizagem, como não existem condições para os mitigar, tem maior relevância o Insucesso Escolar, assim como o sentimento de culpa e de impotência por parte dos pais.

Por fim, realçarmos a importância do Projeto de Vida, crucial para que os jovens criem os seus objetivos de vida. A existência de um, significa que os jovens perspetivam o seu futuro de forma racional, focando as suas energias no que é importante e apostando mais nos estudos, meio para alcançarem os seus sonhos.

## **Bibliografia**

- AMBROSIO, J. (2016). *Família, um Projeto de Vida*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Teologia.
- BASTOS, R. (2014). *Projetos de Vida de jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- CNE – Conselho Nacional de Educação. (2021). Estado da Educação 2020.
- EURYDICE – Rede de Informação sobre Educação na União Europeia. (1995). *A luta contra o Insucesso Escolar: um desafio para a construção europeia*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Programação e Gestão Financeira.
- GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que defende o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HILÁRIO, A. (2012). *Práticas de Educação Emocional no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado Beja: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. (s/p).
- MARQUES, M. (2011). *Conceção de Inteligência Emocional em contexto Educativo e Profissional: Estudo sobre uma Universidade Angolana*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto de Educação.
- MARTINS, C. (2006). *Factores e análise do Insucesso Escolar: Um estudo feito a partir da Escola Secundária Polivalente Cesaltina Ramos no 3º Ciclo, ano Letivo 2005/2006*. Tese de licenciatura. Praia: Instituto Superior da Educação.
- MARTINS, H. (2017). *Insucesso Escolar: Prevenção e intervenção na educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.



- MEDEIROS, K., MOURA, K. (s/d). *Contribuições da educação emocional para o desenvolvimento dos estudantes*. VI Congresso Nacional da Educação.
- MENDONÇA, A. (2011). *Insucesso Escolar: Etimologia e Definição*. Madeira: Universidade da Madeira.
- MORAN, J. (s/d). *A importância de construir Projetos de Vida na Educação*. Universidade de S. Paulo, Brasil
- MOREIRA, A. (2016). *Entre a educação e a formação: estratégias de combate ao abandono e insucesso escolar*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- OLIVEIRA, S. (2019). *Perspetivas sobre os caminhos do (In)Sucesso Escolar*. Relatório de Estágio. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ROSA, B. (2013). *Causas de abandono e insucesso escolar – Comparação entre a realidade açoriana e continental*. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- SANTOS, A. (2014). *Relação entre a afetividade e a inteligência emocional no desenvolvimento de condutas dos jovens adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Elche: Universidad Miguel Hernández de Elche.
- SEABRA, D. (2013). *Inteligência Emocional – Estudo Exploratório*. Dissertação de Mestrado. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- SEVERINO, A. (2019). *Insucesso Escolar e estratégias pedagógicas inovadoras: Estudo de caso na escola Comandante Bula, Huambo*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Portucalense.
- SILVA, M. (2010). *A Inteligência Emocional como factor determinante nas relações interpessoais*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- WOYCIEKOSKI, C. HUTZ, C. (2009). *Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias*. Rio Grande do Sul: Psicologia: Reflexão e Crítica, 22 (1), p1-11.